

Universidade

Livre

Telefone n.º 4322

Instruir é construir.

V. HUGO

A vida deve ser uma educação incessante sem treguas; é necessário aprender desde o nascimento até á morte.

G. HAUBERT

BOLETIM MENSAL

SUMARIO:

MARTIM MONIZ (Tomada de Lisboa, 1147). Pag. 104

D. FUAS ROUPINHO (1180) » 107

RUY DIAS (1590). » 112

INAUGURAÇÃO DO NOVO ANO LETIVO » 115

CORPO DOCENTE - HORARIO E MATRICULAS . . . » 116

Balancete do mês de Outubro de 1916 » 117

Balancete do mês de Setembro de 1916 » 118

ANO III

N.ºs 33 e 34

Setembro e Outubro de 1916

LISBOA.

PROPRIETARIO:

Universidade Livre.

DIRECTOR E EDITOR:

Alexandre Ferreira.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Praça Luis de Camões, 46, 2.º

Composto e impresso na Tipografia Eduardo Rosa, Rua da Madalena, 31

PREÇOS:

AVULSO, 5 CENT.

ASSINATURA ANUAL, 50 CENT.

MARTIM MONIZ
TOMADA DE LISBOA—1147

Sua heroica morte

..... No dia 21 de Outubro, dia já memorando, e assinalado com fastos da Igreja pelo martirio de onze mil Santas, determina el-Rei concluir a todo o custo.

No acometimento, que vai ser geral, ha dois pontos sobremaneira arriscados, a torre ambulante, e a despenhada subida do norte. Aos seus experimentados Portuguezes os confia.

Deixa aos Lotharingos a brecha; aos restantes estrangeiros reparte os varios lanços do muro. Para si nada reserva; apparecerá por toda a parte; ajudará e acudirá a todos.

E' Martim Moniz o capitão a quem toca vingar com um bando de Portuguezes a mais que difficil espalda da cidade, e descarregar-lhe ao centro da nuca um golpe temerario, e por ventura decisivo.

De quem este Fidalgo fosse, quasi não alcançamos noticia; só o divisamos como certos deuses *indigetes* da infancia dos povos, que transparecem resplandecendo por entre nuvens.

De um Conde castelhano, que a Portugal viera pelos dias de D. Henrique, o presumem neto; mereceu pelejar em Ourique entre os valorosos d'el-Rei na dianteira do exercito; foi por dois filhos origem de duas series de Nobreza, que ainda permanecem; a só claridade da sua morte lhe supre uma vida patente de façanhas, e o seu nome se vinculou indelével na porta da muralha, que ainda hoje lhe serve de monumento.

Chegados á fralda da encosta, Martim Moniz se volta de repente contra os companheiros, que, alçados os rostos, contemplavam atónitos o aprumado e fragoso do monte, onde só alguma herva, de longe em longe, parecêra haver podido tomar pé, e em cuja crista, por cima do muro fechado e torreado, ressaía ainda a alcáçova; massas monstruosas, penduradas, ameaçando despenhos, e cuja minima parte sobraria a alagal-os; e sobre a alcáço-

va, sobre as torres, sobre a muralha, os terçados, os alfanges, as azagaias, que giram resplandecendo.

— «Procurais o caminho— disse; — eu vol-o ensinarei. Se o acommetter é agro, impossível nos será a fuga. Se nos recusarem a porta, forçal-a-emos. Se entrâmos, captiva está a cidade. Se cahissemos, cahiriamos tão alto, que vencessemos em gloria os vencedores. Tende fé nas Divinas promessas; recordae-vos de Santarem. Adverti como somos postos hoje em exemplo a naturaes e estrangeiros. Encomendêmo-nos aos Anjos, que nos acudam com suas azas, e subâmos por onde jamais não volveremos a descer.»

E elles subiam arremecadamente; o Capitão lhes levava uma larga dianteira. A cada passo que davam, o terreno decrepito se lhes esboroava debaixo das sapatas ferradas. Ora lhes era forçado tomar as armas entre os dentes, debruçar e valer das mãos para trepar, ora fincando pelo resvaladiço do solo as pontas das lanças. Choviam de cima os penedos, que, rondando dispartidos para todos os cabos, tomavam alguma da gente, com a qual se iam de tombo em tombo margulhar no fundo do vale. E as rizadas dos Moiros ferviam nos ares; e todas as frentes portuguezas tressuavam; e as respirações resfolegavam amiudadas; e os corações pulavam de furor; e a muralha se avisinhava; e os olhos que d'ella se despregavam de relance descobriam por toda a parte um estendido e formoso painel do mundo, o mar, a armada, os montes, as povoações moiras, e para traz e para baixo um abismo cada vez mais profundo.

Vendo os cercados que se ousava arvorar escada contra aquele muro, pôr mão violenta naquela porta; como valentes que eram e seguros de si, deixados em cima os necessarios para derrubar os escaladores, descem a abril-a, saem generosamente a campear. Martim Moniz lhe tem rosto, os aperta, os rechça, os persegue; pela mesma porta que os despejou, os recalca para a praça, e, embevecido na matança, se interna apoz elles.

Aqui principiou na apertada senda um fluxo e refluxo dos dois bandos contendores. Mais numerosos os de dentro, não menos varões, e avantajados como a gente de casa, precipitam-se rijo, arremecam ante si os Portuguezes. A porta temerariamente aberta vai-se fechar; de cima do muro a salvo consumarão a derrota.

Moniz, a quem o malogro de tantas fadigas desespera, á porta se atira novamente, como trave baloiçada de ariete, aguenta-a contra o pezo e esforços de dentro, ruge como leão apelidando os seus soldados, fal-a gemer, bocejar, entreabrir-se. Inclinado con-

tra ella, com os pés ambos repulsando a terra, com o hombro e com a fronte o madeiro, sobejando-lhe ainda alma da que em todos os membros lhe pulula para esgrimir a espada, ora com ella acena aos companheiros, ora pela abertura, cada vez mais devassa, a rodeia como corisco pelos rostos e braços dos resistentes, até que franqueado estes um pouco, e sendo já perto portuguezes, pondo no empenho o ultimo de suas forças, e escorrendo em sangue, que já de largas feridas lhe repuxa, entre o hombral e a coiceira se arroja. Deitado e muribundo, barafusta ainda; oferece-se por ponte á vingança portuguesa; e sentindo sobre si o correr de soldados seus, que já não pode ver, despede com um grito de alegria a grande alma, e abre da mão a espada, finalmente viuva! ¹

«Quadros Historicos de Portugal».

Antonio Feliciano de Castilho.

¹ No capitulo de Martim Moniz parecerá a alguns leitores que nos deslizámos da escrupuloza fidelidade, com que fomos levando todo o mais da narração; e opôr-nos-hão, que em nenhuma Chronica, ou Historia, se apontam tão miudas circumstancias.

Seja embora assim; mas em tudo isso que fantasiámos, por assim se nos fazer mistér, nos conservamos todavia historiadores escrupulosos.

E' a mais seguida tradição, que Martim Moniz com os seus Portuguezes acometêra pela porta do norte, inda hoje chamada *do Moniz*. Necessario era logo, que, para lá chegarem, trepassem o despenhadeiro; descrevemol-o com todas as circumstancias das difficuldades d'aquelle passo temerozo e arriscadissimo. Não podia ser que os Moiros, bordando as muralhas que dominavam aquellos abismos, se ficassem de braços encruzados; fizemol-os atirar pedras e defender-se.

Vingada aquella fragosidade; que teriam ganho os nossos, com um muro altissimo pelos rostos, baluartes inexpugnaveis, e portas fechadas? Imaginámos o que não podia deixar de ser: nma escalada.

O fim do Moniz engasgado na porta, quem o poderia conceber, sem que fosse pelos de dentro aberta para uma sortida? porque nas circumstancias da mesma morte temos a prova de que não fôra despedaçada.

Basta e sobra isto; e de uma vez para todas fique entendido, que, em nos aparecendo causa necessaria, nunca poremos duvida em lhe exprimir como certo o efeito, assim como de qualquer efeito a causa certa; e quasi só n'isto se cifra toda a licença que como historiadores tomamos. De algumas outras usamos, como poetas, em discursos e descrições, mas que todas levam claro o selo e cunho da fabrica.

Sobre o genero da morte de Moniz, havia na Historia uma variante, porque dizem alguns que fôra acabar já dentro no castelo, com a cabeça aberta, e pelejando ainda em quanto se poude ter de pé. Não seria menos heroico; mas a que nós nos encostámos tem por si a tradição corrente do povo, e o letreiro aberto em marmore por baixo do seu busto, que na estampa mostramos. Vide a Nota III no fim do Quadro.

CASTILHO.

.....
..... Durava ainda na cidade a alegria do bom successo, quando, entrando D. Fuas á presença d'el-Rei, e o achou pensativo e carregado.

— «Tristes novas devias de ter recebido de vosso filho, que lá se anda a guerrear» — disse duvidosamente o Capitão.

— «Não desse, — respondeu o Principe — senão do meu primogenito, que é todo este bom Reino de Portugal. Novas certas me são chegadas, como por mar nos cometem os Moiros; insultadas andam já, não só ameaçadas, de suas galés as costas de Setubal até Lisboa. ¿Que faremos, cavaleiro? Não nos conhece ainda o mar; e a eles lhe leva e traz ás costas seus alterosos castellos, como elefante submisso. Falcões somos nós, e aguias; ¿como nos haveremos com os lobos marinhos?»

— «Mandae, como quer que seja, apressar em que sair ao Oceano; e Deus diante, e Santiago em grita, a quem, como a pescador bemaventurado, hão de obdecer as ondas e os ventos, partiremos; e ou voltaremos com a victoria, ou não voltaremos. Sagrado e do Senhor Deus, é o mar, não menos do que as terras.»

— «Sois logo vós de todo o ponto, o de que havemos mistér, e eu esperava — acudiu el-Rei com o semblante já alvorecido de serena alegria. Para Lisboa cavalgae logo a toda a rédea. Cartas são estas para meus Officiaes e para a cidade; apparelhar-vos-hão frota, gente, e todo o preciso. Tomae esta espada, pelas invejas que me deixais. No meio dos perigos, lembrae-vos que o vosso Rei e amigo está a essa mesma hora acompanhando em vosso favor as preces dos santos varões de Santa-Cruz. Ide vencei, e tor-nae.»

VI

E D. Fuas, a cabo de poucos dias, desferira com effeito algumas vellas, não muitas, das praias de Lisboa para o mar grande, em demanda do famigerado Almirante moiro Alfamim. E o coração da cidade se apertára vendo-as ir resvalando na corrente quasi á ventura, e tenteando com prôa mal certa o caminho, como uma ninhada de cisnes novos, que, por instinto secreto de que um dia senhorearão o lago, a elle se arremeçam pela primeira vez, e de aza estendida, collo emproado, com alegre ufanía vão estudando e adivinhando o nadar.

As despedidas mutuas, que as galés e as praias, vendo-se umas a outras fugir e decrescer, foram por vozes e gestos cambiando até de desaparecerem, reviviam pela memoria da grande povoação, como um agoiro de despedida derradeira.

Uma barca de pescador, que houvesse entrado com a nova de ter visto no horizonte uma velasinha á maneira das christans, houvera sido uma barca feliz, e alviçaras de oiro lhe teriam chovido de centenaes de mãos agradecidas, com milhões de benções e boas fadas.

.....
Mas as horas, longas como dias, transcorriam todas uniformes, como as contas de um ramal resado sobre uma sepultura, que uma a uma se vão deslizando e cahindo para o vão da Eternidade, cheias das mesmas supplicas e incertezas.

! Que de corações interesseiros de paes e mães, de filhos e filhas, de esposas e namoradas, de parentes e amigos, se não fiavam com saudade dos aventureiros, e sustos, que na falta de realidades, se vão buscar á fantasia!

O remorejar ordinario das marés, a viração mais leve do vento, eram ameaças de temporal. No sol, nas estrellas, no correr de cada nuvensinha, se conjecturavam mil agoiros. O ceu e a agua eram, diante da cidade, pelo seu muito amor supersticiosa, duas paginas de um livro aberto, onde ella procurava de caractéres de uma lingua desconhecida desentranhar o conhecimento do futuro.

Com o progresso do tempo, cresciam os receios; com o receio dos Christãos, as sonegadas esperanças da escravaria moira; e logo, com os reflexos d'estas, outra vez os receios christãos.

VII

— « ! Vellas ! Vellas á barra ! »

— « ! Vellas entram o Tejo ! »

— «São nossas.»

— «Por D. Fuas apostarei.»

— «Não apostarei eu por Alfamim; porém temo...»

— «Cerrar as portas, e acudir áos muros! ; segurar os escravos!»

— «Ainda mais que entram! ; crescido numero de galés!»

— «Enxergae-me aquella maior. Mahometana é sem duvida.»

— «Mas atentae vós n'aquel'outra, que, sem nenhuma falta é das de Christo.»

Cresciam o ruido, e os balanços do coração pendente dos olhos. Acercava-se a frota; de galas a vestia o sol sobre a torrente alastrada de vagas doiradas. Todos haviam acertado: eram Alfamim, e D. Fuas; eram os estandartes das Luas, e os das Quinas, mas as Quinas nos topos de todos os mastros; e as Luas dos Infieis volteando-se, por baixo d'elas, como um corvo debatendo-se em vão entre as garras da aguia Real.

E Alfamim, possante de membros e catadura, semelhante ao tubarão, que tirado em seco arqueja furiosas saudades do seu viver marinho e belicoso, vem agriolhado, e deitado aos pés do Alcaide de Porto de Mós no castello de prôa da capitaina christã.

Toda a cidade, delirada de jubilo, acode ás praias a receber-o: o vulgo, o Bispo e Cleresia, os soldados e senhores, a Camara da cidade, todos os officiaes d'el-Rei. Saudações, musicas, bençãos, e corôas, hospedam o vencedor ao abicar em terra o pequeno batel, que de bordo da galé, tão modesto como sahira para o conflito, o reconduz para o triumpho.

Não foi o seu de estrondosas vaidades, como o d'aquelle primeiro triumphador naval dos Cartaginezes, romano Consul Caio Duilio, 1440 annos antes; foi um triumpho sincero do publico amor, filial e devoto, tributado a um coração juvenil, que vivia inteiro debaixo das cans, a uma alma onde a prudencia temperava e refinava o valor, e cujo valor por terra e por mar dominava a fortuna.

Não se lhe alçou columna rostral, como a Duilio; não se lhe cunhou, como a Duillio, moeda em memoria do seu feito; nem menos, como ele, o viram, por haver bem-merecido da Patria, arrogar-se o jus de afrontar a rude simplicidade do seu tempo, banquetando-se todo o resto da vida entre esplendores de tochas, e delicias de perfumes e musicas.

Não. Fuas era mais que romano: era Portuguez.

Por isso D. Affonso, que lhe medira a alma pela sua propria, por agradecimento e recompensa da consumada façanha conce-

dendo em seu pedido, outra vez lhe ordenou que se sahisse aos mares com a sua já melhorada frota, a castigar a soberbia agarena; e D. Fuas despejadas as galés do opulento despojo que trazia, em troco refeitas as virtualhas e munição, e repovoadas da gente que lhe pareceu escolher dentre a muita que da cidade e campos concorria a se lhe offerecer, torna a abrir o vôo para as ondas, já menos desconhecidas, perlustra toda a longa costa do Algarve, e além, sem avistar a quem vença.

Escorrida com a mesma fortuna a Andaluzia, chama seus capitães a conselho, e lhes propõe que, por não perder a sahida, e desaproveitar o fervor dos soldados, pois que já o inimigo não ousa apresentar-se, o vão demandar onde é certo que o encontrarão.

— «Não é longe Ceuta — acrescenta elle; — Ceuta, a aurea porta da Africa, ostentosa de troféos, resplandecente de aljófares e diamantes. Valorosos a defendem de dentro; o seu castelo é um promontorio; e em seu vestibulo que é o mar, lhe passeiam diante, como sentinelas, as armadas. ¿Praz-vos contra mim, que vamos bater a essa porta um primeiro golpe portuguez com os copos da espada, o qual, retumbando pelas praias africanas, lhes anuncie que um dia, no crescer e trasbordar de nossas victorias, volveremos a entral-as? ¿Praz-vos emfim, como certamente prazera a Deus, e prazeria a el-Rei, se elle aqui fôra, que torçâmos para lá a prôa a aprezer as suas armadas?»

— «Sim» — responderam todos.

E poucos dias apoz, segundo triumpho naval regosijava as praias de Lisboa, e todos os navios de Ceuta entravam arrebanhados, como escravos, neste mesmo Tejo, que já haveriam sonhado vir a pisar como senhores.

VIII

Mas a columna de Duillio, monumento da primeira Guerra Púnica, nos dias da segunda Guerra Púnica derribou-a um raio. Assim veio a cair a maravilhosa prosperidade de D. Fuas Roupinho perante as praias da mesma Ceuta.

Ahi o aguardavam apinhadas; se acaso voltasse, as forças navaes dos Móiros.

Voltou, levado do temporal, ou da fatalidade; viu-se cercado de cincoenta e quatro galés grossas, prevenidas de gente e armas, ardentes, juramentadas para o desagravo. Pelejou. Recusou a Providencia terceiro milagre. Pereceu elle, e a maior parte da armada, que não excedia vinte e uma vellas, mettidas umas no

fundo, captivas outras, e fugidas algumas para trazer ao Reino o pregão do luto.

Tal foi o fim, tragicamente nobre, deste varão, tronco brotado de fidalgas raizes desconhecidas, cujos ramos se vieram derivando até á presente idade; e cuja fama, como todas as famas giganteas e remotas, está, por maior veneração, revestida do pegadiço musgo dos seculos, que são as fabulas, em que, de puro respeito, nem de leve agora tocaremos.

Tal foi o seu fim. O orgulhoso mar lhe serviu de digna camp, sobre a qual as quilhas infieis, ainda que admiravelmente derrotadas, tripudiavam clamorosas danças de triumpho.

IX

¡Oh! ¡que não pasmariam, se ahi mesmo houvessem podido descortinar nas profundezas do Ceo os segredos do futuro! O Portuguez, sobre cujas cans revolviam as vagas, ficava ali, como quem já tomava antecipada posse da Africa em nome de Portugal.

Era uma fatal sementé de victorias, que em dias de D. João I haviam de começar a polular, para logo aterrarem com a sua sombra os descrentes, coroar com as suas ramas os nossos heroes e armadas, e atrair as admirações e invejas do mundo em todos os tempos.

.....

«Quadros da Historia de Portugal».

Antonio Feliciano de Castilho.

RUY DIAS

1510

Affonso de Albuquerque, depois de haver feito esforços sobrehumanos para se conservar em Gôa, viu-se, finalmente, compelido a abandonar a cidade e a invernar no rio.

A maioria dos fidalgos, cavaleiros e capitães, não tinham visto com bons olhos aquela empresa, porque não podiam alcançar os horizontes que Albuquerque descobria com a sua vista de aguia. Os rigores do inverno, a sede, a fome, começavam a abalar os ânimos mais rijos, e as murmurações contra o governador recresciam já com certo desassombro.

Um facto veio ainda indispor e incitar mais os espiritos.

As mulheres e filhas dos mouros, que Affonso de Albuquerque havia mandado matar, antes de largar a cidade, por mão do Timoja, tinham sido metidas por este nas naus onde estiveram occultas algum tempo. O governador, quando soube do caso, teve um dos seus impetos de colera, impetos que faziam empalidecer os mais valentes. Segundo a expressão do chronista, seu secretario, com quem rompeu em maiores excessos foi com os clerigos.

Esses deviam saber das relações dos christãos com aquelas mouras *«que confessavam os homens que morriam, como lh'o non diziam a elle»*.

Frei Domingos de Sousa, capelão da sua nau, observou mansamente que não sabia de christão que se tornasse mouro por bem querer a moura, mas sim de mouras convertidas por causa de christãos.

O governador mandou buscar todas as casadas e donzellas, em numero superior a cem, das *mais formosas e honradas*, para as recolher na pôpa da sua nau.

Cresceu a indignação contra o governador, e não faltou imprudentemente quem se atrevesse a dar como pouco virtuosas as suas intenções. Certo numero de homens do povo e do mar haviam-se afeiçoado a algumas d'aquellas mulheres, a ponto de se casarem com ellas. Esses homens vieram ter com Affonso de Al-

buquerque, allegando que ellas lègitimamente lhes pertenciam, e pedindo que lh'as devolvesse.

Folgou o governador com isto, porque o seu grande espirito mediu o alcance que no futuro podiam ter aquellas alianças. Mas, como tinha de jurar sobre a palavra dos interessados, para maior segurança ordenou que ali — deante dele — se tornassem a casar!

Frei Domingos de Sousa observou que não era aquilo segundo os mandamentos da igreja, mas Affonso de Albuquerque replicou-lhe imperioso:

«E' logo — segundo o mandamento de Affonso de Albuquerque.»

O padre, apezar dos canones, obedeceu.

Por este tempo um eunucho que ministrava a comida ás mouras e que estava com ellas, avisou Albuquerque que de noite entravam na pôpa da nau alguns homens desconhecidos. O governador redobrou de vigilancia, fazendo constar que seria rigorosamente punido quem transgredisse as suas ordens. Os fidalgos e cavalleiros — sabendo das disposições em que estava Albuquerque, desistiram, com salutar prudencia, das entrevistas nocturnas. Um d'elles, porém, chamado Ruy Dias, de porte gentil, bem-quisto dos seus camaradas e bravo como todos os seus companheiros, ou porque fosse mais audaz, ou porque de facto estivesse enamorado de alguma das captivas, não largou mão da sua fatal aventura.

Alta noite atirava-se a nado de bordo da sua nau e vinha até á pôpa da nau do governador, trepando pelo leme, e ajudado por mão feminina entrava na varanda onde estavam as mulheres. Uma noite Ruy Dias foi visto e reconhecido. Affonso de Albuquerque ordenou a Pero de Alpoim, ouvidor, e a Lourenço de Paiva, secretario, que tirassem devassa muito em secreto. O facto foi averiguado com toda a verdade.

Era Ruy Dias o culpado. Affonso de Albuquerque ordenou em seguida a Fernão de Liz, meirinho, que fosse á nau *Flôr da Rosa*, com oito homens da guarda e enforcasse immediatamente Ruy Dias. Quando o meirinho entrou, Ruy Dias na tolda jogava as tavolas com o capitão Jorge Fogaça, sem ter a mais remota idéa de que era a hora da sua morte, e morte affrontosa!

Fernão de Liz lançou mão d'elle, dizendo:

«Estae preso da parte de el-rei!»

Um cafre, seu peão, lhe atou um palanco ao pescoço, mandando-o guindar e enforçar.

Neste lance, Jorge Fogaça deu um salto, e deitou mão de uma espada para cortar a corda, bradando, fóra de si, a Bernardim Freire, surto muito proximo da sua nau, que lhe acudisse, que ali enforcavam ao seu Ruy Dias. Bernardim Freire, com Simão de Andrade, Fernão Pires, seu irmão, e Francisco de Sá, sahiram logo de lança e adarga no esquife, correndo as naus e clamando aos outros capitães, quasi todos indispostos contra Albuquerque, para que viessem oppôr-se áquelle acto de se garrotar como um cão um cavalleiro honrado e valente!

O momento era gravissimo. Quasi todos os fidalgos e cavalleiros estavam indignados contra o governador, cuja contumacia os obrigára a passar terriveis privações durante a invernía, arrebatando-lhes depois as captivas, e mandando agora enforçar como a um vilão, sem ouvir o seu conselho d'eles, um cavaleiro illustre e simpático para todos.

Em tal conflito, se Affonso de Albuquerque vacilasse um instante estava perdido. Impavido saltou no seu batel atracou á *Flôr da Rosa*, prendeu Jorge Fogaça, e o *terribil*, como na propriedade de sens epitetos lhe chama Camões, bramindo, arvorou bandeira na quadra — ao que acudiram obedientes e aterrados os principaes da rebelião!

O governador mandou-os pôr a ferros debaixo da coberta. Aquelles homens tão destemidos, que tinham afrontado a morte mil vezes, cegos de furor havia pouco, pareciam agora mansos como cordeiros, deante da sanha homérica do seu grande capitão!

O silencio da mais rigorosa disciplina seguiu-se áquella scena ruidosa e tragica, e, durante todo o dia, pendente de uma verga da *Flor da Rosa*, viu-se balançar ao vento o corpo de Ruy Dias!

Quantos olhos rasos de lagrimas se cravariam no cadaver daquele moço, que pagou tão caro as verduras da sua juventude, ou talvez os impetuosos arrebatamentos do seu amor!

«Portuguezes na India», *Bulhão Pato*.

Inauguração do novo ano letivo

Revistiu de grande brilhantismo a sessão solemne para inauguração do novo ano letivo, sendo presidida por Sua Ex.^a o Sr. Presidente da Republica, secretariado pelo Ex.^{mo} Ministro da Instrução e Reitor da Universidade de Lisboa. Transcrevemos a seguir o que publicou o *Diario de Noticias*:

Com numerosa e distinta assistência, realisou-se ontem á noite, na séde da Universidade Livre, a sessão solêne com que foram inaugurados os trabalhos escolares no ano lético de 1916-1917.

A esta cerimonia dignou-se assistir o chefe do Estado, que foi aguardado pelo conselho administrativo da Universidade Livre, srs. Alexandre Ferreira, Antonio Maria Pires, Luiz Manuel de Sousa e Matos Rodrigues.

Igualmente honraram com a sua presença á inauguração dos trabalhos escolares os srs. ministro da instrução e dr. Almeida Lima, reitor da Universidade de Lisboa. O sr. dr. Bernardino Machado ao entrar na Universidade Livre, dirigiu-se para o gabinete da direcção, onde recebeu os respectivos cumprimentos, seguindo-se a sessão solêne.

Assumiu a presidencia, a convite do presidente do conselho administrativo, sr. Alexandre Ferreira, o sr. presidente da Republica, que se fez secretariar pelo sr. dr. Pedro Martins e pelo reitor da Universidade de Lisboa, sr. dr. Almeida Lima.

O sr. Alexandre Ferreira, em nome da Universidade Livre, expôs quais os trabalhos que em prol da instrução tem feito tão prestimosa colectividade.

Referiu-se á fundação da Universidade Livre, e lendo um curioso quadro estatístico, domonstrou que desde o seu inicio a instituição foi frequentada por 24:558 homens e 5:992 mulheres, sendo feitas 162 conferencias.

Referiu-se tambem largamente aos trabalhos efectuados durante o ultimo ano lético.

Dispendeu-se quantia superior a 10:000\$000, e com relação ao ultimo ano, os cursos somam 625 lições, frequentados por 10:418 homens e 3:614 mulheres.

Passando a falar do professorado da Universidade Livre, fez o

mais rasgado elogio daqueles que sem remuneração alguma ali vão dar as suas lições, muitos com prejuizo dos seus afazeres.

Terminou por agradecer ao sr. presidente da Republica a honra de assistir áquella festa, bem como ao sr. ministro da instrução e demais convidados.

Comunicou finalmente que mais alguma coisa se está fazendo, e que se trata da construcção da séde social, que o arquiteto sr. Rozendo Carvalheira está estudando.

Falou depois o sr. Cardoso Gonçalves, em nome da Academia de Estudos Livres, que agradeceu as palavras do sr. Alexandre Ferreira, quando se referiu áquella colectividade, cognominando-a de «irmã mais velha».

Passando a referir-se aos trabalhos da Universidade Livre, disse que ella muito tem feito e mesmo mais do que muitas outras do genero no estrangeiro, que são consideradas officiais, e falando do sr. Alexandre Ferreira, diz ser elle a alma da Universidade Livre.

O sr. dr. Almeida Lima, que falou a seguir sobre a instrução e seus fins, disse que é preciso não descuidar a instrução, pois é ella que trará o engrandecimento do pais.

O sr. Antonio Cabreira fala em nome da Academia das Sciencias, agradecendo o convite que lhe foi feito. O sr. Agostinho Fortes profere um brilhante discurso sobre quanto deve a instrução ás instituições particulares, especializando a Universidade Livre, que precisa sem duvida do auxilio do Estado, mas que nunca deve estar a elle subordinado.

Tem palavras de elogio para o sr. dr. Pedro Martins, a quem considera o primeiro ministro da instrução da Republica.

O sr. ministro da instrução que fala por ultimo, elogia a acção da Universidade Livre.

Horario Geral para o ano lectivo de 1916-1917

PROFESSORES	DISCIPLINAS	Seg. ^a	Terç.	Qua.	Quint	Sext.	Sab.
Alfredo Apell.....	Francês-1.º ano	21	—	—	—	—	—
» »	» -2.º »	—	—	—	20	—	—
Bernardo Villa Nova	Inglês - 1.º »	—	—	—	21	—	—
Agostinho d'Alm. da e de Paiva	» - 2.º »	—	—	22	—	—	—
Artur Lobo de Campos	Portugu. -1.º ano	—	—	20	—	—	—
» » »	» -2.º »	—	—	—	—	—	—
Oscar de Sousa	Aritmética	—	—	21	22	—	21
Antonio Maria Pires	Calculo comercial	20	—	—	—	—	—
João de Matos Rodrigues ...	Contabili.-1.º ano	—	—	—	—	21½	—
José Antunes Fernandes....		—	21½	—	—	—	—
Eduardo M. B. d'Oliveira	» -2.º »	—	—	—	—	—	—
Rodrigo de Castro	Desenho orname.	—	20	—	—	—	—
» » »	» modelag.	—	—	—	—	20	—
» » »	» linear..	—	—	20	—	—	—
Joaquim Filipe da Silva.	Caligrafia	—	20½	—	—	20½	—
Manoel de Sousa B. M. da Costa	Dactilografia ..	20	—	—	20	—	20
Manoel Joaquim da Costa ...	Taquigrafia....	—	—	—	—	—	20
Saldanha Carreira.....	Esperanto	22/15	—	—	22/15	—	—

MATRICULAS

Até 31 d'Outubro matricularam-se nos varios cursos permanentes da Universidade Livre muitas pessoas, d'ambos os sexos assim divididas:

Portuguez.....	63
Francez 1.º ano.....	117
» 2.º »	48
Inglez 1.º »	68
» 2.º »	17
Esperanto	6
Desenho Ornato e linear ...	37
Modelagem	13
Aritmetica	48
Calculo Comercial	17
Escreituração Comercial 1.º ano..	51
» » 2.º » ..	10
Taquigrafia	27
Caligrafia	45
Dactilografia.....	48
Total....	615

Balancête do mêz de Outubro de 1916

DEVE (Receita)

Saldo do mêz de Setembro.....		76\$11
Subscritores:		
Cobrança deste mêz	107\$64	
Efectivos:		
Idem.....	9\$40	117\$04
Subsidios:		
Da Assistencia — Setembro.....	15\$00	
Ministerio instrução—este mê z..	16\$66	31\$66
Donativos		
Recebido de Amadeu Cuñago ..		10\$00
Matriculas		
Deste mêz		158\$30
Cartões de identidade:		
Vendidos neste mêz..		18\$10
Gastos gerais:		
Recebido de José Fernandes	1\$50	336\$60
		<u>412\$41</u>

HAVER (Despêza)

Rendas adiantadas:		
Pela de Novembro.....		35\$00
Monte-pio Comercial e Industrial		
Depositos effectuados		80\$00
Publicações		
C/ Eduardo Rosa.....	25\$00	
C/ Almeida & Machado	5\$80	30\$80
Biblioteca movel		
C/ Empreza da Historia de Portugal	3\$52	
C/ Parceria Ant. M. Pereira.....	4\$64	
C/ Aillaud Alves & C. ^a	4\$32	12\$48
Percentagens:		
Ao cobrador Evaristo	5\$95,5	
» » Silva	5\$44	11\$43,5
Moveis e Utensilios		
C/ Antonio Costa	37\$50	
C/ Batista Filho & C. ^a	9\$72	47\$22
Gastos gerais:		
Pelas deste mês.....	110\$77	827\$70,5
Saldo para Novembro		85\$00,5
		<u>412\$71</u>

Balancête do mêz de Setembro de 1916

DEVE (Receita)

Saldo do mêz de Agosto		96\$86
Subscritores:		
Cobrança deste mêz	75\$59	
Efectivos:		
Idem	7\$90	
Subsidios:		
Da Camara Municipal este mêz	20\$00	
Assistencia mêz de Agosto.....	15\$00	
Do Ministerio da Instrução e. m.	16\$66	51\$66
Publicações:		
Recebido liquidação semestral com Aillaud Alves & C. ^a	49\$04	
Gastos gerais:		
Recebido de José Fernandes.....	1\$50	185\$69
		282\$55

HAVER (Despeza)

Rendas adiantadas:		
Pela de Novembro	35\$00	
Propaganda:		
C/ Mauricio & C. ^a	3\$50	
C/ Lamas & Franklin	1\$70	5\$20
Publicações:		
Pago por conta livros francez	50\$00	
Percentagens:		
Ao cobrador Evaristo	3\$91,5	
» » Silva.....	4\$31	8\$22,5
Moveis e utensilios:		
C/ Domingos A. Roza.....	11\$24	
C/ J. M. Rodrigues	10\$00	21\$24
Despesas gerais:		
Deste mêz	86\$77,5	206\$44
Saldo para Outubro.....		76\$11
		282\$55